



[HTTP://WWW.CONEXAOCULTURAL.ORG/BLOG/2013/02/ARTE-EM-CUBA-MUSEU-DE-BELAS-ARTES-E-GALERIA-HAVANA/](http://WWW.CONEXAOCULTURAL.ORG/BLOG/2013/02/ARTE-EM-CUBA-MUSEU-DE-BELAS-ARTES-E-GALERIA-HAVANA/)

5

OITO VIAS

Os cubanos são muito cubanos, ou seja, são bem vaidosos de si e de seu país. Apesar de todas as dificuldades materiais, eles demonstram orgulho do que são e têm uma imensa vontade de fazer o país melhorar.

Ao entrarmos na autoestrada que vai de Havana a Jatibónico, a leste, Eduardo, o professor cubano com quem estamos realizando nosso projeto de pesquisa (uma parceria Brasil – Cuba apoiada pela CAPES), fez referência ao codinome da rodovia: Oito vias. De fato, eram quatro vias numa direção e quatro vias na outra e isso é mais do que a Rodovia Castelo Branco oferece, em seu trecho inicial.

Fiquei super impressionada e ele explicou, todo cheio de si, que, entre outros motivos, a estrada foi assim construída para poder receber poucos de emergência em caso de panes aéreas. Pensei logo que não seria difícil isso ocorrer, porque o número de veículos que circulam por essa estrada é muito pequeno para a sua dimensão.

Nos anos de 1980, também segundo Eduardo, não se viam veículos automotivos circulando, a não ser em situações excepcionais, porque o país estava passando por uma crise de abastecimento de petróleo. Só se viam bicicletas, pelas principais vias urbanas e estradas. Nos anos de 1990, a situação não ficou muito melhor, porque com a fragmentação da União Soviética e a perda de seu poder econômico e político, Cuba viu-se “sem pai e mãe” e viveu o que se denomina aqui de “período especial”, que eles circunscrevem aos anos de 1990 a 1995.

O próprio Eduardo, no entanto, logo esclareceu: “o período especial não terminou até hoje”, ou seja, somando-se a perda do apoio soviético ao embargo estadunidense, é grande a privação de bens

materiais de todo gênero, num país em que o modelo de desenvolvimento do período “revolucionário” não contemplou a industrialização, nem mesmo nos ramos industriais de produção de bens de consumo.

O baixo movimento, na autopista, atesta o modelo de desenvolvimento adotado: não estamos num país urbano-industrial, o que significa que vemos muitos poucos caminhões de transporte de mercadorias e matérias primas e os carros circulam em pequeno número. Os ônibus de turistas aparecem com maior frequência, sobretudo no trecho da autopista que dá acesso às estradas nacionais que demandam às principais praias turísticas – Varadero e Cayo Coco.

O tráfego é tão pequeno que eles podem escolher andar sempre pela pista da esquerda, quando, segundo as normas internacionais de trânsito, deveriam permanecer nas pistas à direita para que as ultrapassagens pudessem se dar pela esquerda. Eliseu brincou, concluindo que essa é uma opção ideológica, ou seja, até para dirigir eles preferem a esquerda.

Seguimos por essa autopista, por cerca de 300 km, e logo vimos que as oito vias correspondiam a um pequeno trecho inicial, que tem menos de 100 km, baixando depois para seis vias e, logo em seguida, para duas vias, sem que isso, para os cubanos, seja fato que coloque em questão o codinome da sua rodovia principal. Para eles, essa é a Oito Vias.

Ela se estende pela planície central de leste a oeste. A partir de Havana, na direção oeste, há outra autopista que leva a Pilar do Sul. Nessa planície, também se desenvolve a maior parte da atividade agropecuária do país, o que nos possibilita observar o que produzem e como se estrutura o *habitat* rural.

O bom estado de conservação da autopista e, sobretudo, o cuidado dos acostamentos e canteiros centrais, sempre ajardinados, chama

atenção e sugere que as concessionárias privadas das autoestradas brasileiras teriam que vir fazer estágio em Cuba.



No trecho oeste, a partir de Havana há maior incidência de plantio de tabaco, embora não seja essa a paisagem dominante. No trecho leste, é notória a predominância da cana-de-açúcar que, desde o período colonial, foi o principal produto agrícola do país.

Nas últimas décadas, em função da diminuição do preço internacional do açúcar e das dificuldades de comércio com outros países, as políticas de planejamento estatal econômico desestimularam essa produção, que hoje atende, apenas, à demanda interna de Cuba.

Tenho a impressão que grande parte das terras não é cultivada porque, afora as áreas de canaviais, de tabaco e diversas outras de bananais, que estão ao longo da rodovia, não se observa extensões importantes de agricultura.

Segundo Eduardo, há fazendas estatais que foram implantadas depois da revolução, há propriedades privadas que permanecem do período anterior, porque elas não foram todas confiscadas, uma vez que isso ocorreu apenas quando havia mais de uma propriedade rural, tal e qual, ocorreu com as urbanas, ou seja, os que tinham várias propriedades puderam permanecer com uma delas, os que tinham

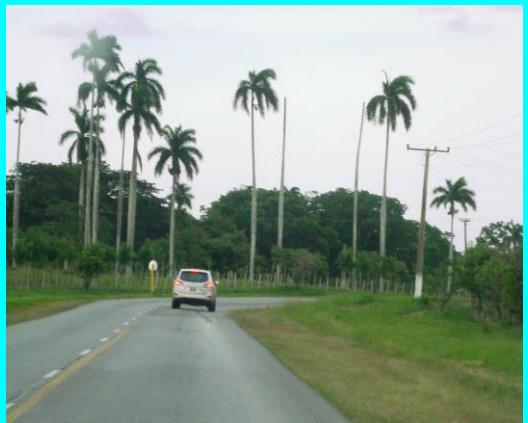
apenas uma ficaram com esta e, em ambos os casos, o direito foi garantido aos descendentes, desde que não tivessem deixado o país. Ele acrescenta, ainda, que uma das mudanças promovidas por Raul Castro desde que subiu ao poder, foi a de conceder usufruto de terras rurais a quem quiser cultivá-las, dando-lhes o direito de comercializar a produção, por conta própria.

Desde o início do “período especial”, muitas concessões de desenvolvimento de atividades fora das empresas estatais, têm sido feitas, para contornar os problemas econômicos que muitas famílias enfrentam. Assim, é dada autorização para quem quiser, por exemplo, comercializar roupas ou outros produtos trazidos do Panamá, para quem pretende oferecer alojamento para turistas, alugando um quarto em suas residências, para quem deseja oferecer alimentação etc.

São atividades que já eram feitas irregularmente e, agora, são licenciadas e seus executores são chamados de “cuentapropistas”. Desse modo, a concessão oferecida por Raul Castro, recentemente, de usufruto de terras no campo, é um ampliação da política que já vinha sendo feita na cidade, desde o período de comando de Fidel.

O fato de que a agricultura não parece ser muito desenvolvida, possibilita a permanência de uma vegetação tropical de grande beleza, pelo verde intenso e pelas palmeiras reais (são as mesmas que, no Brasil, chamamos de imperiais) altíssimas, que se destacam acima da média de altura da vegetação arbórea que compõe o conjunto.





A população rural está assentada, no geral, em aglomerados, que são denominados de *poblados* e são hierarquicamente inferiores ao *pueblos*. Estes corresponderiam, grosso modo, às nossas cidades pequenas, enquanto aqueles a bairros rurais, já que não têm

reconhecido seu caráter urbano, visto que não alcançam os 2 mil habitantes e, tampouco, atendem a características definidas pela Oficina Nacional de Estatísticas, tais como: traçado regular de ruas e pavimentação, presença de espaços públicos como praças e parques, sistema de fornecimento de água e de tratamento de resíduos, serviços de educação para atender todas as demandas de sua população etc.

Uma parte desses *poblados* tem história longa e vem dos assentamentos que se conformaram desde o período colonial, mas outra parte, importante numericamente, foi criada após a Revolução Cubana, como parte das políticas estatais de planejamento voltadas ao oferecimento dos serviços sociais básicos, com o objetivo de evitar a evasão demográfica para as cidades. Nestes casos, foram construídas residências, em muitos casos, de melhor padrão que as urbanas para favorecer a permanência no campo, como a foto desse conjunto de casas geminadas, ao longo da rodovia.



Em outros casos, foram edificados conjuntos habitacionais multifamiliares, no meio da área rural, para moradia de trabalhadores do campo, como o da foto seguinte que, apesar da chuva, possibilita ter uma noção dessa forma de *habitat* concentrado em espaço de uso rural, compondo o que a tipologia oficial do Censo Demográfico, classificaria como *poblado* de terceira ordem porque tem entre 200 e 499 habitantes.



Além desses *poblados*, vêem-se, aqui e ali, casas isoladas, com sistemas construtivos bem tradicionais, ou seja, estruturadas com madeira extraída dos caules das palmeiras, na horizontal, e cobertas com suas folhas bem trançadas, formando um “telhado” denso e bem feito. Esse tipo de *habitat* compõe o que, oficialmente, eles denominam de “assentamento humano disperso”.



Paramos na rodovia para fotografar essa residência e Eduardo, chamando atenção da tipologia típica da casa rural, mostra a pequena construção aos fundos que serve de banheiro e outra um pouco maior, não distante da casa, onde se guardam os gêneros produzidos, uma espécie de pequeno celeiro.

A cerca que delimita esses espaços residenciais em meio às áreas cultivadas e/ou de vegetação natural, são cercas vivas elaboradas com cactus.





Toda a viagem é muito agradável, tanto porque a estrada tem pouco movimento, como porque a paisagem é muito bonita. Penso que também contribui a ausência de *out doors*, como temos no Brasil, fazendo *marketing* de tudo que se possa imaginar. Por aqui, temos, apenas, que conviver com o que os cubanos chamam de painéis educativos, que correspondem à mais pura propaganda ideológica do Partido Comunista e de suas raízes revolucionárias, embora eu admita que, muitas vezes, os dizeres sejam até mesmo educativos.

Ao longo do caminho, há muitos vendedores de goiabada, doce de leite e queijo, feitos no campo. Eles empunham seus pacotes (exceto os de queijo que ficam escondidos nos “matinhos” próximos à estrada, porque há proibição de venda, por questões de controle sanitário) e quase se jogam na frente dos carros na tentativa de nos convencerem a comprar. Eduardo pede que o carro pare, para que ele adquira, em *moneda nacional*, seus produtos. Cada grande peça de goiabada como as que aparecem na foto, custa bem menos de um dólar, se

fizermos a conversão. Se fossemos pagar em C.U.C., a moeda dos turistas, isso poderia ser quarenta vezes mais caro.

Quando manifestei vontade de fotografar um dos vendedores da estrada, Eduardo disse que qualquer um deles ficaria contente e se deixaria registrar. No entanto, ele não me deixou fotografar um primeiro, muito negro, que, segundo ele, era feio e iria levar uma má imagem de Cuba para fora. Nesses pequenos gestos, vê-se o quanto o racismo está presente em Cuba, embora a revolução dissemine a ideia de igualdade racial, social e sexual.



Julho de 2011

Carminha Beltrão